

**A mediação entre o desconstrutivismo e o tradicionalismo:  
uma forma também crítica de romancear**

*Mediation between deconstructivism and traditionalism:  
a critical form of novel*

Kamyla Katsue KAWASHITA<sup>1</sup>

**Resumo**

Pretende-se explorar aspectos das narrativas de extração histórica na contemporaneidade, especialmente do romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2007) – gênero que possibilita por meio da desconstrução do discurso historiográfico oficial reconstruir e (re)escrever a história de grupos marginalizados pelo discurso dominante e em sua grande maioria excluídos dos relatos históricos oficiais. O objetivo é perceber como este contribui para leituras e reflexão sobre novas perspectivas para o passado histórico, em especial no que diz respeito à poética do descobrimento. Para tanto, exploramos as considerações desenvolvidas por autores como Costa Milton (1992), Silviano Santiago (1971), Aínsa, (1988-1991), Hutcheon (1991), Guerra (2007), Fleck (2007, 2008).

**Palavras-chave:** Romance histórico. Romance histórico contemporâneo de mediação. história e ficção. Híbridez.

**Abstract**

The aim of this paper is to explore aspects of contemporary historical narratives, specially of the mediation contemporary historical novels (FLECK, 2007) – a genre that allows, through deconstructivism of the official historical discourse, the reconstruction and (re)writing of the history of groups that were marginalized by the dominant discourse and in introducing new perspectives for the historical past of those groups. We intend to understand how this genre contributes to readings and reflection on new perspectives for the historical past, especially as regards the poetics of discovery. To do so, we use the works from authors such as Costa Milton (1992), Silviano Santiago (1971), Aínsa, (1988-1991), Hutcheon (1991), Guerra (2007), Fleck (2007, 2008), among others.

**Keywords:** Historical novel. Mediation contemporary historical novel. History and fiction. Hybridity.

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: kwashita@hotmail.com

## Introdução

A realização de Cristóvão Colombo em 1492 afetou intensamente a concepção do homem europeu como indivíduo ao levá-lo a contemplar o mundo de forma inovadora, passando por cima das crenças e receios pré-existentes sobre o contexto referente à extensão e dimensão da terra. Conforme aponta Fleck (2008, p. 10), “no encontro com o ‘outro’ desconhecido, questionou-se a própria essência do que é ser humano, do ‘eu’ que não conseguia se ver no ‘outro’”. O período de colonização e os reflexos da imposição de culturas alheias tiveram, ainda, grande influência na criação da imagem que faz o indivíduo latino-americano de si mesmo. Para Santiago (2000), os autóctones americanos foram contaminados pela língua e religião europeia, e dado à astúcia dos colonizadores, os índios aos poucos perderam sua língua, seu sistema sagrado e sua cultura, baseada na oralidade e na memória, para serem hibridizadas com a dos europeus (FLECK, 2008). Em decorrência, os preceitos europeus passaram a se tornar os moldes para a América, conforme aponta Santiago:

A doutrina religiosa e a língua europeia contaminam o pensamento selvagem, apresentam no palco o corpo humano perfurado por flechas, corpo em tudo semelhante a outros corpos que, pela causa religiosa, encontravam morte paralela [...] Pela mesma moeda, os índios perdem sua língua e seu sistema do sagrado e recebem em troca o substituto europeu. (SANTIAGO, 2000, p. 14).

No tocante ao processo de colonização da América Latina, Stavans (2001) aponta que as motivações dos colonizadores – a fortuna e a detenção do poder – os levaram a dar origem a uma nova etnia, uma etnia de mestiços. E é justamente nesse ponto que se encontra, conforme assume Santiago (2000, p.16) “a maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental: a destruição dos conceitos de unidade e de pureza”. Conceitos estes que perdem seu significado exato e o seu sinal de superioridade cultural “à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos afirma-se e se mostra mais e mais eficaz”.

Nos termos de Fuentes (1992, p. 94), a América vista como paraíso na terra teve “o esplendor das antigas culturas indígenas” soterrado, para que nós, sujeitos inseridos num espaço transcultural, nascêssemos; para que o híbrido prevalecesse.

Em vista dessas considerações justifica-se a repercussão de estudos sobre as diversas produções artísticas que se voltam à poética do descobrimento. Busca-se desvelar tanto as verdadeiras motivações que levaram Colombo a arriscar-se a navegar o oceano desconhecido em busca de terras orientais, bem como as motivações que guiaram outras embarcações no intuito de colonizar as Américas, considerando os aspectos culturais, sociais e econômicos de cada uma delas, desde a chegada dos colonizadores até os dias atuais.

Ao buscarmos explorar esse evento, observamos os relatos históricos de Cristóvão Colombo. Em seu *Diário* de bordo oficial, ele descreve as primeiras impressões que teve ao alcançar os trópicos. Para Todorov (1983), a descoberta da América, registrada em 12 de outubro de 1492, evento ocasional na rota alternativa Oeste, pela qual Colombo buscava alcançar as exóticas terras de Cipango e Catay, é a data mais indicada para definir o marco inicial da era moderna.

Devido à importância concedida ao fato histórico que marcou nossa entrada na história oficial do ocidente e a constituição e representação do indivíduo em outras possibilidades além daquelas restritas à Idade Média, a figura de Cristóvão Colombo é vastamente abordada na poética romanescas. Exemplos dessas produções híbridas de história e ficção são as releituras que contribuem para a exaltação dessa figura histórica, comuns nas produções norte-americanas, e também aquelas que buscam uma releitura crítica da personagem e suas ações pela invenção fictícia, comumente presentes no universo latino-americano. É justamente devido à escassez documental, que forneça subsídios que “comprovem” fatos relativos à vida e pessoa de Colombo, que as produções romanescas encontram uma brecha para trabalhar a personalidade do Almirante num viés da ficção, visto que esta permanece na esfera de mistérios não desvendados, e conforme comenta Milton, o mistério é solo fértil para as mais díspares e controvertidas interpretações: alimenta o mito e dá forma e substância à lenda. (MILTON, 1992, p. 46).

Para a autora, a figura de Colombo representa um mundo “ainda aberto a novos descobrimentos. Como se se tratasse de um personagem de muitas faces e inúmeras possibilidades” (MILTON, 1992, p. 42), que vêm sendo exploradas por séculos por historiadores que procuram redigir sua biografia, alguns buscando a exaltação extrema,

e outros, o caráter humanizado de Colombo, e também por romancistas, que veem em Colombo e em sua empreitada uma possibilidade de imaginar a história.

Um gênero que em específico pode apresentar essas questões históricas de forma que possam se confundir com a realidade é o romance histórico, cuja origem se atribui às obras *Waverley* (1814) e *Ivanhoé* (1819), do escritor escocês Walter Scott. Este gênero apresenta um híbrido de história e ficção, tendo como pano de fundo um acontecimento histórico para uma narrativa ficcional que envolve personagens fictícias e históricas. As narrativas ficcionais que se enquadram neste gênero de romance têm o potencial de converter-se em uma forma de reflexão crítica acerca do passado histórico, uma vez que podem despertar uma consciência sobre a condição histórica do homem.

O romance histórico, após passar por várias transformações, chega hoje ao que denomina Fleck (2007, 2008) de romance histórico contemporâneo de mediação. Este, por sua vez, constitui-se em uma das leituras críticas da história pela ficção na contemporaneidade, e é assim denominado por apresentar tentativas de conciliação entre modalidades tradicionais antecedentes, aderindo as características essenciais do novo romance histórico latino-americano<sup>2</sup> – como o emprego da paródia e da intertextualidade – e unindo-as, também, a questões fundamentais da metaficção historiográfica<sup>3</sup> – “a problematização do conhecimento do passado, bem como os comentários sobre o processo de produção do discurso ficcional”.

Este trabalho pretende, assim, apresentar uma revisão bibliográfica sobre as teorias referentes ao romance histórico e suas ocorrências na América anglo-saxônica, especialmente nos aspectos tocantes à poética do descobrimento.

## **História e ficção**

As diferentes modalidades de romance histórico se caracterizam por serem gêneros híbridos de história e ficção. Para melhor tratar as questões relacionadas a esse gênero faz-se necessário considerar a relações entre a literatura e a história e como estas são abordadas pela crítica literária.

---

<sup>2</sup> Novo romance histórico latino-americano de acordo com Aínsa (1988-1991) e Menton (1993).

<sup>3</sup> Metaficção historiográfica segundo Hutcheon (1991).

Como defendido por teóricos que buscam uma distinção clara entre estas, ambas são partes de um mesmo plano de narrativa cuja forma se conjuga de relatos causais e temporais, e que, no entanto, atêm-se a questões distintas – a historiografia, a contemplar uma visão objetiva e imparcial do real, e a ficção, à visão da subjetividade e à imaginação. Nesse sentido, a diferença entre ambas se encontra no modo em que perseguem seus objetivos (DECCA, 1997, p. 199). Para Milton, essa diferença constitui-se de forma que

[...] na literatura, ressalva-se, os significados podem estar justamente no ato de problematizar causas e tempos, em benefício de novas circunstâncias poéticas que, muitas vezes, têm por meta a própria linguagem feita conteúdo. Já no âmbito da história, o conteúdo impõe-se à linguagem como um fim em si mesmo, ainda que ela seja aí componente dos mais relevantes (MILTON, 1992, p. 8).

Conforme a autora, à história compete reconstituir fatos e feitos passados, buscando apreender seus significados. Sendo que, como ato imaginativo do presente, recorre às fontes documentais. Assim, “a imaginação está *sitiada* pelo primado das fontes documentais” (MILTON, 1992, p. 8). Porém, vale ressaltar que esse manejo de documentos oficiais supõe interferências e interpretações subjetivas a fim de serem determinados e constituídos como um conjunto. Logo, infere-se que a constituição do diálogo histórico não é totalmente ausente de subjetividade.

Cabe aqui um fragmento da concepção aristotélica acerca da temática.

[...] é evidente que não compete ao poeta narrar exatamente o que aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança ou a necessidade. O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso [...]. Deferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido (ARISTÓTELES, 1963, p. 278).

O distanciamento entre o historiador e o poeta em Aristóteles determina-se em função da mimese. Ao historiador competem as ocorrências efetivadas; ao poeta, conjecturas que poderiam ser dadas como ocorrências. Conforme aponta Jozef (2006, p. 185-186) “o real e o imaginário implicam uma mesma coisa, que é o verossímil que transforma o absurdo em significação, dando sentido ao imaginário”. Para a autora, o

verossímil é a máscara utilizada pela literatura para sua própria constituição. “É o discurso que se assemelha ao discurso que se assemelha ao real”. (JOZEF, 2006, p. 186).

Ao abordar a questão do diálogo estabelecido na arte contemporânea entre a história e a literatura, Beck (1998, p. 215-216) aponta que “presume-se que a primeira (história) é um relato de fatos verídicos de nosso passado, enquanto a segunda (literatura) possui a liberdade de narrar não só os fatos que aconteceram, mas também os possíveis e os imaginados”, mas que, no entanto, essa distinção não é vista de forma tão simples por alguns pensadores da historiografia e, para confirmar esse posicionamento, cita o historiador americano Hayden White, que nos mostra que mesmo com essa pretensão de contar a verdade, existem diversas interpretações escritas por historiadores sobre um mesmo acontecimento do passado. Isto se explica porque há uma aproximação em ambos os discursos, no sentido de que ambos são textos, e ambos passam pelas mãos de um indivíduo que os vai reconstituir, decidindo quais fatos devem ser mencionados e as relações entre os determinados acontecimentos. Assim “percebe-se que os fatos não falam por si, o historiador é quem fala por eles, produzindo a ‘verdadeira’ significação do passado”. (BECK, 1998, p. 216).

Nesse sentido, a literatura passa a desempenhar um papel de extrema importância para os grupos minoritários, dentre os quais se encontram as mulheres, os negros e os nativos, e para aqueles que sofreram um apagamento no discurso histórico oficial. Os romances que têm como característica revisar o passado, como é o caso dos romances históricos contemporâneos, concede espaço a esses grupos para que relatem a história, partindo do seu ponto de vista. Tais narrativas podem contribuir para a formação da própria imagem, para a desconstrução da imagem do outro dominante e, conseqüentemente, para a formação da identidade dos grupos. Tais aspectos podem servir de condutores para a conscientização dos valores sociais que envolvem esses grupos minoritários, e por ventura ser passíveis de contribuir para a formação de uma sociedade capaz de reconhecer a mestiçagem como traço fundamental das nações americanas e elemento diferenciador das artes aqui produzidas.

Conforme aponta Bernd (2003, p. 17-18) ao discutir as transferências culturais nas Américas, existe desde os primeiros anos que se seguiram à conquista da América pelos europeus um fenômeno de hibridação de materiais e subversão de rituais

discursivos na origem da arte produzida no Novo Mundo. Esse procedimento de criação do novo a partir de culturas de origens diversas foi teorizado pelo antropólogo Fernando Ortiz em 1940, que observou o processo de transculturação, no qual as trocas culturais geram apagamentos, perdas, ou apropriações, e também novos produtos culturais, promovendo uma cultura híbrida original e inacabada.

## **O romance histórico e suas vertentes**

Nosso foco doravante é explorar o caráter híbrido do gênero romance histórico e suas vertentes, como fonte que possibilita a releitura do passado.

O romance histórico surge no século XIX, com os romances *Waverley* (1814) e *Ivanhoé* (1819), de Walter Scott. Até então, já existiam publicações embrionárias ao gênero, porém carentes das características próprias que o concebem. Segundo Lukács (1965), tais textos remeteriam à história e à mitologia do medievo. Os textos do século XVII (Scudéry, Calprenède, etc) abrangem uma temática histórica, que são, no entanto, de caráter puramente externo, aparente. Em se tratando da psicologia das personagens e dos costumes neles descritos, remetem unicamente à própria época do romancista. Esses romances, bem como os socialistas do século XVII, não se embarcaram a revolucionar a história universal da literatura ao aproximarem-se da realidade; tomam como ponto de análise o espaço e distanciamento do autor em relação à obra, e não as primazias da história.

O romance histórico scottiano caracteriza-se pela presença de um pano de fundo histórico que, como aponta Fleck (2005), leva o homem ao despertar da consciência sobre a condição histórica do ser humano. Esta ambientação agregada ainda à configuração de personagens históricas bem conhecidas, que se apresentam nos moldes da época e que interagem com personagens fictícias criadas pelo autor, aproxima as ações do romance ao máximo da realidade histórica inserida na obra, garantindo um alto grau de verossimilhança.

O romance histórico espalhou-se rapidamente por toda a Europa e, em seguida, surgiu também em terras da América Latina. Logo passou por uma série de transformações ao longo do tempo e gerou novas vertentes do gênero. Entre as principais podemos citar o romance histórico tradicional (MÁRQUEZ RODRÍGUES,

1991; FERNÁNDEZ PRIETO, 2003), o novo romance histórico latino-americano (AÍNSA, 1988-1991; MENTON, 1993); as metaficções historiográficas (HUTCHEON, 1991) e os romances históricos contemporâneos de mediação (FLECK, 2007, 2008).

Segundo Fleck (2005), as mudanças e rompimentos que permearam o romance histórico em solo latino-americano se dão, em partes, ao tipo de história que vivemos. Desde o período de colonização, nossa história passou a ser escrita pelos colonizadores, pelo homem europeu, sendo relatada conforme sua visão de mundo, enquanto a história do autóctone permanecia nas sombras. Em contrapartida, o romance histórico espanhol que se ocupou das releituras da saga de Colombo manteve-se atado aos modos tradicionais, o que contribuiu para a criação de um discurso edificante de heróis nacionais, “o passado histórico se converte em um instrumento de exaltação nacionalista” (FLECK, 2005, p. 62).

Com a publicação de *El Reino de este mundo* de Alejo Carpentier em 1949 inaugura-se um novo modelo de romance histórico – o novo romance histórico latino-americano, cujas características principais foram apontadas, dentre outros, por Fernando Aínsa (1988, 1991).

Para o autor, os novos romances decorrentes da década de oitenta do século passado apresentam uma polifonia de estilos e modalidades baseadas, principalmente, na fragmentação dos signos de identidade nacionais.

O romance histórico contemporâneo, quando comparado aos anteriores, procura desvelar o indivíduo perdido entre as ruínas de uma história desmantelada. Descobrir e enaltecer o ser humano em sua dimensão mais autêntica (AÍNSA, 1991, p. 85). Desse modo, as produções atuam em busca de uma identidade para os povos latino-americanos de forma condizente com a realidade. Dentre os autores que contribuíram grandemente para a repercussão deste gênero se encontram, além de Carpentier, Augusto Roa Bastos, Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez, Isabel Allende, dentre outros.

Da consciência crítica que se instaurava na América Latina surge uma nova modalidade de romance histórico, a metaficção historiográfica. Este gênero, conforme aponta Hutcheon (1991), torna a paródia e a carnavalização elementos principais das narrativas, pois conduzem à auto reflexividade e ao mesmo tempo apelam paradoxalmente a eventos e personagens do passado histórico. Segundo Fleck (2008, p. 64)

[...] as metaficções historiográficas incorporam tanto os domínios da história quanto os da teoria da ficção: ou seja, nelas se revela o conhecimento de que história e ficção são constructos humanos organizados por meio da linguagem, e seu poder representativo leva à conscientização das formas e conteúdos do passado, gerado pelas ficções que se orientam por estas prerrogativas.

Nessas narrativas, o narrador busca evidenciar os mecanismos de caráter ficcional que sustentem sua própria narração, bem como estratégias e procedimentos. Assim, mantém o leitor ciente de que ele se encontra diante de uma obra ficcional, ou uma construção de linguagem, por meio de laços de comunicação estabelecidos com ele.

Outra característica, apontada por Pulgarín (1995, p. 24), ao analisar esse modelo de escrita ficcional, é o questionamento de conceitos que sempre estiveram associados ao humanismo liberal, tais como transcendência, autonomia, autoridade, totalização, universalização, homogeneidade, singularidade, origem etc. As obras inseridas nesse modelo questionam modelos hierárquicos fechados, sem, contudo, negá-los.

As modalidades contemporâneas de romances, os novos romances latino-americanos e as metaficções historiográficas enquadram-se sob o signo da “transgressão” em relação aos modelos canônicos europeus. Os modelos não críticos, que seguem atrelados a paradigmas europeus do século XIX, contudo, convivem com os novos romances históricos hispano-americanos e as metaficções historiográficas (FLECK, 2008, p. 109). Por outro lado, há, na contemporaneidade, uma grande quantidade de romances que se aproveitam da união de certos traços marcantes das produções de cunho mais tradicional e de várias características do novo romance histórico e da metaficção historiográfica, e caracterizam-se, principalmente, pela volta da linearidade e a busca da verossimilhança. Tal tendência é denominada por Fleck (2007, 2008) de romance histórico contemporâneo de mediação, e sua essência concentra-se na tentativa de conciliar as modalidades antecedentes a ele. Dessa forma, sem descartar os processos essenciais do novo romance histórico latino-americano, como o emprego da polifonia, da intertextualidade e da paródia, incorpora a problematização do conhecimento do passado, bem como comentários sobre o processo de produção do discurso, e ao mesmo tempo é um texto mais linear, que faz uso de forma moderada das estratégias que

constituem as produções experimentalistas, como a carnavalização, os anacronismos exagerados, os tempos sobrepostos, entre outras.

## **Romance histórico contemporâneo de mediação**

O romance histórico contemporâneo de mediação caracteriza-se por seu caráter mediativo, que busca trabalhar a conciliação dos modelos anteriores. Surgida recentemente na América Latina, essa tendência comporta uma característica própria do nosso continente – a hibridez. Sua elaboração agrega características do novo romance histórico, como o emprego de estratégias como a paródia e outras características da “sinfonia bakhtiniana” descrita por Menton (1993), bem como questões próprias da metaficção historiográfica – a metanarração, por exemplo. No entanto, mantem-se mais linear, sem o exacerbo das estratégias que constituem os modelos mais experimentalistas.

Em vista do caráter de mediação que apresenta esta última tendência, faz-se pertinente apontá-la como o molde que vem sendo buscado pelos escritores latino-americanos na contemporaneidade, pois possibilita a afirmação de uma identidade dentro da própria literatura, de modo a reaproveitar as qualidades da literatura europeia mas constituir nossa própria versão dela. Vale aqui retomarmos as palavras de Santiago ao abordar a releitura que faz o escritor latino-americano de outros textos.

O segundo texto se organiza a partir de uma meditação silenciosa e traiçoeira sobre o primeiro texto, e o leitor, transformado em autor, tenta surpreender o modelo original em suas limitações, suas fraquezas, em suas lacunas, desarticula-o e o rearticula de acordo com suas intenções, segundo sua própria direção ideológica, sua visão do tema apresentado de início pelo original. (SANTIAGO, 2000, p. 20).

Isto é, relemos e reconfiguramos os textos já existentes e, com isso, trabalhamos a inversão, exercendo um ritual antropofágico, sugando o que há de melhor no outro e fortalecendo nossa capacidade expressiva.

Esta tendência deriva da corrente mais radical do modernismo brasileiro, iniciada por Oswald de Andrade: a antropofagia, ou, movimento antropofágico, e tem como proposta uma espécie de canibalismo metafórico, assim como o era concebido pelos índios canibais em relação a seus inimigos. Ou seja, a deglutição do outro,

partindo do pressuposto de que desta forma são absorvidas as qualidades dos guerreiros que se mostravam dignos e fortes. Trata-se, assim, de uma antropofagia seletiva, ou seja, digerir o outro tendo conhecimento do que é digerido. Conforme aponta Santiago (2000, p. 10) “Nada mais original, nada mais intrínseco a si que se alimentar dos outros. É preciso, porém, digeri-los. O leão é feito de carneiro assimilado”.

A cultura advinda do outro deve ser aceita, porém, não cegamente. É necessário que seja feita a seleção dos elementos, que se tenha conhecimento do quanto o outro pertence ao espaço cultural latino-americano e o compõem e digeri-lo para fazer surgir novas representações artístico-culturais passíveis de serem relevadas com originalidade e postas ao lado das demais num mesmo patamar. Como aponta Andrade em seu manifesto antropófago “Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente”. Por meio dela geramos o que é próprio da nossa cultura.

A originalidade cultural latino-americana consiste justamente no caráter híbrido, na mescla de elementos das diversas culturas que se estabeleceram no continente, na miscigenação responsável por tantas produções artísticas originais e criativas. Tal aspecto cultural se encontra intrinsecamente conectado aos conceitos de intertextualidade e paródia.

O romance histórico contemporâneo de mediação é uma das modalidades que se insere nas produções de romances híbridos da atualidade, portanto, enquadra-se no quadro descrito. A intertextualidade com o discurso histórico nele contida dá-se de forma a não excluir os discursos prévios, mas a reavaliá-los, questioná-los e confrontá-los com outras possíveis realidades.

Dentre os aspectos que compõem essa modalidade estão presentes características inerentes ao novo romance histórico hispano-americano, as quais foram, em uma primeira instância elencadas em dez, por Fernando Aínsa (1988-1991), e, em um segundo momento, revistas e reagrupadas em seis por Seymon Menton (1993, p. 42-46), quais sejam:

- 1- A aproximação da “realidade” histórica com a ficção, derivada da representação mimética dos determinados períodos históricos.
- 2- A distorção consciente da história mediante estratégias narrativas, como os anacronismos e exageros.
- 3- A ficcionalização de personagens históricos bem conhecidos.

- 4- A presença da metaficção e a caracterização dos processos de criação da obra.
- 5- O uso recorrente da intertextualidade nos mais variados graus.
- 6- A presença da ‘sinfonia bakhtianiana’ como descrita por Menton – a dialogia, a carnavalização, a paróia e a heteroglossia.

O novo romance histórico latino-americano, conforme aponta Larios (1997), não se preocupa em divergir do discurso histórico oficial, mas sim em reconstruir, justaposto a esse discurso novas perspectivas da história.

A mediação que ocorre entre esses elementos próprios do romance histórico contemporâneo encerra o “entre-lugar”<sup>4</sup> da literatura americana, o posto híbrido próprio dessa cultura mista, que é o que aponta a uma originalidade cultural, originalidade esta que, da influência imposta por culturas hegemônicas, expressa a sua transparência como cultura mestiça.

## **Considerações finais**

Neste trabalho foram abordadas algumas especificidades do romance histórico como gênero que possibilita a releitura do passado, e a inferência de novas perspectivas que ele pode atribuir ao passado, visto que por apoiar-se na liberdade imagética da ficção, abrange incontáveis discursos julgados das mais variadas formas. Por meio da proposta de releitura de ocorrências passadas registradas sob a ótica eurocêntrica, como forma de descaracterizar o discurso tido como oficial, o romance histórico, abre um leque abrangente de narrativas que compõem o discurso marginalizado de grupos minoritários, como os das mulheres, dos negros e dos autóctones, que não tiveram suas próprias histórias inseridas na historiografia.

Esperamos que este trabalho seja de relevância para os estudos referentes à temática da poética do “descobrimento” e que contribua para a constituição de novos olhares em torno da temática do descobrimento voltados para personagens históricos de pouca visibilidade e de suma importância na realização de grandes eventos. A inclusão do olhar minoritário nas narrativas históricas seguramente não se dará por meios de registros históricos, mas, sim, pelas possibilidades criadas por meio de narrativas

---

<sup>4</sup> Terminologia utilizada por Santiago (2000) ao tratar do entre-lugar do discurso latino-americano.

ficcionais que, como afirma Milton (1992), falam muito como textos situados na esfera da invenção.

## Referências

AÍNSA, F. Invencción literaria y “reconstrucción” histórica en la nueva narrativa latinoamericana. In: KOHUT, K. (Ed.). **La invención del pasado: la novela histórica en el marco de la posmodernidad**. Frankfurt; Madrid: Vervuert, 1997.

\_\_\_\_\_. **La nueva novela histórica latinoamericana**. *Plural*, 240 (82-85), 1991.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 2. ed. Coimbra: Héliade, 1963.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

COUTINHO, E. F. **Literatura comparada na América Latina: ensaios**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

DECCA, E. O que é romance histórico? Ou, devolvo a bola para você, Hayden White. In: **Gêneros de fronteira – cruzamento entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997.

FLECK, G. F. **Imagens metaficcionalis de Cristóvão Colombo: uma poética da hipertextualidade**. 2005. 311 f. Dissertação (Mestrado em letras) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2005.

\_\_\_\_\_. A conquista do “entre-lugar”: a trajetória do romance histórico na América. **Gragotá**, Niterói, n. 23, p. 149-167, jul./dez. 2007.

\_\_\_\_\_. **O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas**. 2008. 333 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2008.

FUENTES, C. **El espejo enterrado**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-Modernismo**. Trad. Ricardo Cruz; Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JOZEF, Bella. **A máscara e o enigma**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 2006.

KOHUT, K. (Ed.). **La invención del pasado: la novela histórica en El marco de la posmodernidad**. Frankfurt; Madrid: Vervuert, 1997.

LUKÁCS, G. **La forma clásica de la novela histórica.** In: \_\_\_\_\_. La novela histórica. México: ediciones era, 1966.

MENTON, S. **La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992.** México D. F: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MILTON, H. C. **As histórias da história:** retratos literários de Cristóvão Colombo. 1992. 189 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1992.

PESAVENTO, S. J. **Literatura, história e identidade nacional.** Vidya (Santa Maria), v. jan-ju, p. 9-27, 2000.

PULGARÍN, A. **Metaficción historiográfica:** la novela histórica en la narrativa hispánica posmoderna. Madrid: Espiral Hispano Americana, 1995.

SANTIAGO, S. **Uma literatura nos trópicos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SPERLING BECK, M. O diálogo entre história e ficção na literatura contemporânea das Américas. In: Zilá Bernd; Cícero Galeano Lopes. (Org.). **Escrituras híbridas:** Estudo em literatura comparada interamericana. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998, v. , p. 215-236.

STAVANS, I. **Imagining Columbus:** the literary voyage. New York: Palgrave, 2001.

TODOROV, T. **A conquista da América:** a questão do outro. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.